



Vou gastá-lo mal gasto

Joana Franco

Para o Tiago

Não, não gosto que grites... Mas gosto que me digas essas coisas. Sim, és bastante cromo. Já estou a trabalhar. Já é meia-noite. Mas ainda não é o meio da noite. É o início da noite. Agora é daqui para a frente. Dir-te-ei coisas. Dir-te-ei é divertido. Não durmo bem. Obrigada, bom filme. Mil e mil. Beijinhos.

Agora somos só nós. Já olhei para o relógio. Os alentejanos não olham para o relógio. Sempre gostei de relógios. Mentira. A minha mãe disse-me que a minha primeira palavra foi “ló” – relógio. Precisava de apontar, indicar a direção do relógio. Não sei o que ele me devolveia. Apontar, apontar, até me dizerem “sim, é um relógio”. Eram sobretudo os de parede, mas os de pulso nas pessoas do elevador também captavam a minha atenção. Foi a minha mãe que me contou e por causa disso já não sei se a memória é mesmo minha. As memórias são objetos estranhos. Se tivesse de me situar numa escala típica da boa memória, não passava dos 30%. Não me lembro de quase nada da minha infância. Só me lembro de ter sido castigada no infantário, enviada para o espaço entre os armários dos brinquedos, porque estava a retirar a pele do bolbo central do lábio superior. De tomar banho com a minha irmã na banheira e de discutirmos a cor das toalhas. Do Mi, o meu querido Mi, e o cheiro horrível que tinha quando vinha de lavar. De fazer xixi na cama. De vomitar no meu pijama. De me terem roubado as minhas bonecas na escola. De ir ao quadro e escrever com giz. De navegar na Wikipédia no computador branco que havia no sótão.

De ficar fechada na dispensa sentada em cima dos pacotes de leite. De ter feito da dispensa um elevador, colando botões de papel à parede. De desenhar casas em folhas de papel quadriculado. De não saber desenhar golfinhos. De fingir que já estava a dormir. De bater na minha irmã. De a seguir pedir desculpa, mas só para ela não dizer à minha mãe. Já chega, estou farta. Se as tinha como memórias que achava verdadeiras, as palavras distorceram-nas. Isto foi um assassinato de memórias. Não se escrevem imagens e sensações.

*

Fazer um novo parágrafo é um ato estranho. Fecha-se uma porta, acha-se. E entra-se noutra divisão, acha-se. Mas o vento fica lá. Nem penses que a oportunidade de sacar os dentes do cavalo já começou. Se queres que a presa corra atrás de ti, então precisas de dar meia-volta. Finges que estás para aí todo estatelado mas se algum dia não chover mais, não venhas dizer que não te avisei. Se os erros se dão, é porque não se pode tirar o chapéu da relação. Nunca na derretida costa que te ouvi se fez



um astro tão doce. Sinto que não tenho mais palavras do que dedos. Cruzaste os braços? Então agora desce as escadas no meio da chuva. Fica-te bem o casaco de folga. Não tentes sequer tirar o meu doce frio e quente. Isto está quase a soar a uma fila de rosas dentro de um corpo. Mas o que fazer? Um jantar dentro. Olhas para o abismo e retiras a dominância de um réptil. Logo se vê. Corpos não tão cegos são raramente uma bênção. E tudo porque se Deus goza, sim. Julgas-me às urtigas, está tudo bem. Lobisomens só andam de mota à quarta-feira. Este processo torna-se desafiante se realmente puderes tirar os teus olhos do saco e os meteres a tiracolo. Guerra não tem burros. Só se fazem quilómetros para que as tartes de framboesa ocupem a área do país. Mil e uma coisas de dizer. Muitos mais virão para aí aos pulos sem ordem nem caos. Cuspo desenfreadamente, ai credo que horror. Golo! Birrenta mesmo. Huskies das alturas correm sem saber de que cor se fazem os filhos. Raramente se trocam as ferrugens, o que é uma pena. Depois do outro dia, decifra-se a lenda. Muito mérito dei a

quem o seu ninho piorou. Quantos é que se vêm nos dias de hoje? Cá para mim a coisa ou dá para o torto ou para o morto. Simplesmente, querido, os olhos das putas, perdão. Brioches, é o que te digo. Imagina se um dia isto cai e não se aguenta mais o cheiro. Que havia de ser dos cordões que para aí andam? Mas chega de me deitar cá para fora. O caixote desabou. Tinhas os chocolates à berma da estrada. Bastava sair para comer. Era, era. Bolas a mim só me afetam uma vez. Depois disso a traquitana só fumega quando dá de frosques. Isto das homenagens tem o que se lhe diga. Muitas vezes a culpa é dos trabalhadores das obras. Se a construção não avança, chupa-se-lhes o legume. Brejeira! É mesmo assim, ó filha. Eu sou portuguesa, verdadeira e porca. Podes é mas é enfiar o rabo no dedal. As ruas são de pedra para os formigueiros terem sítio para ficar. Lulas, essas não te tiram a amargura. Viemos ontem mas já só ficamos até amanhã. Podes pôr a mesa do lado de fora porque o crucifixo soube da tua manha. Moles são as feridas. Tudo o resto é carapuço. Claro que o mal já está dado. E isso é

que me deixa de testa no pão. Pausas, essas. Só se o si da lira me parecer amarelo! Credo! Disto já se fazem miolos! Eu quero é ver o forro da saia. Se se avizinha tempestade, ou corres nu, ou viras doido. Merda! Eu quero é pimba. Nunca te desistas assim tão magro. Gostas? Então não juntes os cotovelos. Dorme bem a sesta para ficares mais cansado. Cá em casa não entram pés sujos. Sim? Pronto, o importante aqui é que o anjinho não se perca. Está bem? Prometes? Guarda sobras de sopa. O papá já não está cá. Cinturão negro, só o avô. Se algum dia vires o porto vazio, o melhor é beberes os troços que ficaram. Rimas só de treze. Iguarias daquelas só em abril. Mesmo... Não tires o jornal. Bom, disto o amor já não vem. O comboio que parte às treze a meio corta o fogo. Pois, pois. Calhou-te o cu. Não era nada disto mas o que importa é que não se diz mais velho. Se o meu é tão pequeno, não troques tão rápido. Isto já era. Já foi uma casa. Agora só resta o José.

Novo parágrafo. Isto assim era fácil. Saí. Hei de voltar. Se há coisa que me fascina é o tempo. Teres mais trinta, menos

trinta, não me incomoda. A seta até parece pequena mas a verdade é que nunca mais acaba. A verdade, ok? Ok? Ok? Ok? Ok? Ok? Ok? Ok? Ok? Homem morto em poça de sangue. Quem és tu para dizer que o que escrevo está errado. Hoje, os botões não saem da minha cabeça. Triste opção a de equivaler os botões à escrita. O som é seco, pouco perceptível. Acho que a coisa aqui é mesmo o poderes invadir. Estes também são bons, caras.

*

Justamente aqui, as contas vão ser outras. Trinta mais trinta são sessenta. Nove mais um são dez. Vinte e três mais vinte e quatro são quarenta e sete. Dezassete mais trinta e nove são cinquenta e seis. Trinta e dois mais oitenta e sete devem ser para aí cento e dez. Dois mil e setecentos mais quatro devem ser para aí dois mil setecentos e quatro. Vinte mil trezentos e setenta e sete mais quarenta e três mil setecentos e dois devem ser para aí sessenta e oito mil trezentos e trinta e dois. Ultraje! Não uses a calculadora. E mais uma coisa, ou seja, já dá cinco: não se pode atirar água à matemática.

*



Estes recomeços servem para quê? É que há sempre uma necessidade de refletir sobre o início. Se de facto fosse um início, não havia nada para refletir. Mas os inícios podem já ter substância. Podia ficar só pelas continuações, pelas mutações lentas, impercetíveis. Não sei se é uma atração pelo início. O início tem um pouco de limpeza. Tem também um pouco de vastidão. Eu sei lá... Não me entendas mal, eu gosto muito de saber. Da ideia de saber. Mas isto não podia passar de uma fantochada maior. Não deixam de ser energias que não se apanham. É uma sorte elas ficarem cá dentro. Se me perder, não te vou dizer.

*

Quando o gato passou em frente à loja dos aspiradores, já não chovia. Era de noite e a calçada ainda estava escorregadia. Atrás dos caixotes do lixo, já só havia restos de comida. A barriga do gato balançava de um lado para o outro a cada movimento seu. O cheiro que vinha daquele chão imundo fazia lembrar o vinagre com que se limpavam as cicatrizes. Mas o gato não sabia disso. Batiam três horas da manhã no relógio da igreja, ao virar da esquina. O gato assustou-se: tinha prometido chegar a casa às duas.

Se me tivessem dito que este dia ia chegar, não acreditava. Não quero ser mal-entendida... Não tinha bem a ver com expectativa. Era mais sobre uma ordem pouco natural. Ficarias impressionado se te mostrassem os intestinos do Rei David? Mais do que uma vez essa situação deu cabo dos heróis. Bruscamente se fazem os atos de fala. Línguas e línguas sabem a pouco. Mostrar o cubo ao espelho é só para quem se aguenta de pé. De resto, comem-se saladas sem cebola. Eu dou-te tudo, só não te dou o meu amigo. As velhas com maçãs nos bolsos andam sempre rodeadas de crianças. Mas espreme-se pouco da cena. Jamais alguma vez entraria num zoo. Os anéis substituem muito bem qualquer fruto de ramo de árvore. Com jeitinho isto ainda vai ao parque. Dedicção é muito bonita na sanita. Respeitinho a sobrar rompe mais portas do que janelas. Meu dito, meu feito. As crias da Luísa não sobreviveram ao choque. Não puderam sentir mais do que eu, isso garanto. A gravata é o único relógio que ainda

se usa. Parece-me que a procissão já chegou ao beco sem saída e tu não tens marcha atrás. É uma desilusão este esparguete demasiado cozido. Até se pode tirar algum gosto das sabrinas, lá isso sim, mas não destroquem dinheiro o dia todo... A gramática até pode estar aí de rabo empinado, cuidado! Era uma reunião muito estranha, se os ecrãs afundassem. Aqui na floresta só tens dois anos. Um para mim e o outro para ti. Que caminho tão longo! Beija-me, só. Segue, só. Jubileu, sabes o que isso é? Tira-teimas só à francesa. Rugas na testa é o geral. Debruço-me sobre o fecho para decidir se amanhã me caem as calças. Normalmente é muito pior do que isso! O sentido do sentido não paga as refeições. Brilham mas não gostam. É uma pena.... É preciso querer dizer muita coisa para se fazerem tantos livros. Bonecas de mudança de perspetiva absorvem todo o meu calor. O meu cabelo não escreve. Raramente ouço corvos aos berros. Fica, amor. Cria-se a mentira que é para ser ainda pior do que o arco-íris.

*



Estou a ficar cansada. Apetece-me fechar os olhos. Escrevo isto porque é o que penso. Na verdade isto tem sido muito sobre escrever o que penso. Não sei como se contam histórias do passado ou do futuro. Não preciso de saber para as contar. Imaginar é criar duas vezes. Só se sopram imagens que valem a pena. Insuflam-se até. Volto a isto, não sei o que isto é. Não saber é melhor do que saber. Não saber é pior do que não saber. Não saber é pior do que não saber. Trinta por uma linha e os números não me deixam. Três é a conta que provavelmente o primeiro homem fez. O homem, mesmo. As mulheres são três, se estiveres a falar lá das irmãs. É importante relembrar que os gogos têm a mais o que os corações têm a menos. Sem compromissos. Sempre submissos. Tirem-me os sufixos.

Cortem-me os cabelos.

Mandem-me um escadote.

Atirem-me lanternas.

Cubram-me de panos.

Soprem-me as cataratas.

Cruzem-me os braços.

Tapem-me com celofane.

Cuspam-me para os joelhos.

Invoquem-me as borbulhas.

Beijem-me os olhos verdes.

Acudam-me as expressões.
Balancem-me o pescoço.
Dobrem-me a barriga.
Puxem-me os seios.
Babem-me os sinais.
Troquem-me por outra.
Fechem-me os dedos.
Escondam-me da Mãe.
Criem-me no escuro.
Cuidem-me dos soluços.
Comprem-me as obras.
Tragam-me bolas de pelo.
Dediquem-me um orfanato.
Separem-me as omoplatas.
Curvem-me os ombros.
Triturem-me as pestanas.
Esburaquem-me a planta dos pés.
Arranjem-me pneus.
Fundam-me as mãos.
Louvem-me muito alto.
Roubem-me das paredes.
Simplifiquem-me o esqueleto.
Diminuam-me o volume.
Torturem-me o nariz.

Lavem-me com prazeres.
Fintem-me com bananas.
Escrevam-me manifestos.
Pausem-me as bochechas.
Inventem-me saudades.
Ouçam-me de novo.
Estalem-me os ovos.

Depois de me fazerem isto tudo, vão-se embora. Corram mesmo muito rápido. O mais rápido que conseguirem. Façam muito barulho com os pés a bater no chão. Deixem-me ficar a ouvir esse barulho. Não vos posso ver, só vos posso ouvir.

*

Uma mulher com cerca de cinquenta anos, cabelos grisalhos, alta e magra entra em cena com uma trela na mão. A outra extremidade da trela permanece fora de palco. A situação triangular transmite-me tensão. O cão que não vem deixa-me curiosa. Porque é que ela não o obriga a vir? Porque é que ela não o vai buscar? Se o cão entrasse no palco continuaria a ser um cão? Na outra ponta da trela está um cão? Quais são os segredos da mulher? Pisou cocó? Esqueceu-se de que era mulher?

*

Acho que já me esgotei, estou vazia. Não tenho mais vontade de escrever. Já não me dá prazer. Não costuma ser por prazer. Mas agora as palavras pouco me importam. E isto não pode ser só escrever por escrever. Ou pode. Não sei. Tenho sono.

*

Uma mentirinha aqui e ali também não faz mal. Como se costuma dizer, brincas na parede porque o cruzamento era lá atrás. Se te dissesse onde estou, perderia toda a piada. Gosmas lentas descem o casario. Tenho frio. Culpa! Bochechas não dão as mãos. Isto é mais difícil com pernas curtas. Colchões aos pares têm frinchas no meio. E se não formos mais por aí? Mas é que os símbolos arrebatam com isto tudo. Não se quer fugir da ilha, eu sei. Nós, os que aqui ficamos, nem sabemos se o dia correu às mil maravilhas. Nota-se logo quem não vem dos arbustos. És para aqui chamado se usurpares as regalias. West Side Story da tua tia. Deixas-me perdida. Não fosse essa a fama do celibato. Estou entregue às condicionantes. Profundamente, mesmo lá dentro, só sopram ventos



dos de Belém. Tu daqui levas o que tu quiseres. Freguês, freguês, só o que se planta no soalho. Revolta-te lá uma vez! O chouriço está na ponta do fio. Se os armários da cozinha se desdobrarem em detergentes, o senhor do chapéu vai fazer a roda. Isto é fazer puré. Balelas! Cem por cento de azedume. Merchandising da treta, mesmo. Cataclismo é quase autoclismo. Apetece-me virar barco. Estas necessidades só servem para enganar meninos. Bisbilhoteiros trocam-se todos por miúdos. O verde que me sai da boca não é nada, podes virar-te outra vez para a frente. Microclimas derrotam sabedorias várias. Ai que brusco! Queres jogar xadrez com o queixo? Bem me parecia... Ronrons só em dezembro. Tu és mais parecido com a bala do que com o cartucho. Remar para trás funciona mais ou menos como terapia. Ah, finalmente! Estava à espera de que ela chegasse. Bom dia, coreografia. É mesmo assim, estar à espera ou procurar. Garrafas engarrafam-se por aí. Lá estou eu nas tortilhas! Se bem que anda por aí pior. De microfone a papagaio a distância é pouca, há que ter atenção! E os dizeres do povo refletem muito da minha angústia.

*

A dança é dos corpos
 corpos esquecidos, adormecidos e derretidos,
 corpos infantis, curiosos, ágeis, deslizantes,
 corpos velhos, enrugados e cansados,
 corpos jovens, disruptivos, modificados e personalizados,
 corpos deprimidos, oprimidos, empilhados, embrulhados,
 corpos magros, esqueléticos, insignificantes,
 corpos voluptuosos, sinuosos, brilhantes,
 corpos negros, amarelos e azuis,
 corpos próximos e familiares,
 corpos brutos, fissurados, marcados, violentados,
 corpos sensuais e sexuais,
 corpos animais, primitivos e naturais,
 corpos obesos e cheios,
 corpos incompletos, amputados e protéticos,
 corpos fictícios, digitais, transumanos,
 corpos vergados e suplicantes,
 corpos ativos, reativos e políticos,
 corpos perdidos,
 corpos extintos,
 corpos noturnos, loucos e sóis,
 corpos imortais,
 corpos ausentes,
 corpos fracos e frágeis,
 corpos nus, despídos, desenfeitados,
 corpos sujos e malcheirosos,
 corpos com entradas e saídas,
 corpos permeáveis e sensíveis,
 corpos dos outros,
 corpos nossos.

Meter na dança carne.

A carne é igual no feminino e no masculino.

*Descobrir o corpo anterior ao feminino e descobrir o
corpo anterior ao masculino.*

A carne é o corpo anterior ao sexo.

Meter carne na dança.

Deixar a dança ser primeiro que o corpo.

Não meter carne na dança. Não tirar carne da dança.

Deixar a dança ser naturalmente carne.

Gonçalo M. Tavares, *O Livro da Dança*

É cantando e dançando que o homem se manifesta como pertencendo a uma comunidade superior: desaprendeu de andar e de falar, mas prepara-se para se elevar, dançando.

Valéry, autor que se debruçou por diversas vezes sobre o tema da dança, equipara a Marcha à Prosa e a Dança à Poesia, numa comparação que envolve e mistura, de imediato, movimento e linguagem. (...) Valéry considera, então, que, da mesma maneira que a prosa, a marcha «aponta para um objecto concreto. É um acto dirigido para algo que é nosso fim alcançar.» (...) Quanto à dança, a dança é outra coisa; para Valéry é um «sistema de actos: mas que têm o fim em si mesmos».

Dançar acrescenta uma comparação de um andar. Instável prosa: marcha sem apoio. Os músculos, dentro – um corpo que se manifesta para, então, elevar. Valéry, à pouco, debruçou que é uma estabilidade dos ossos. Prepara-se um tema em que a dança não é das leis. A dança envolve de suporte, esquece algo para si. O corpo marcha sobre uma condição, sustenta uma comunidade completa cantando o fim à maneira do próprio. Dirigido é pela dança (...) movimento (...) linguagem. Anuncia-se

(...) a dança completa, do corpo que se esquece de si próprio, é a dança que se esquece do dentro: dos músculos, dos ossos, das articulações – dança do corpo sem ossos sobre o mundo sem leis.

A estabilidade na terra decide-se por um mínimo de suporte.

Dois pés, uma área mínima de apoio... É uma estabilidade instável que o sustenta e de que se liberta. A graça da dança, a negação do seu peso, anuncia-se aí. (...) O homem é bailarino pela sua própria condição... O que se lhe acrescenta é pouco, quando realmente dança: a afirmação expressa de que o seu destino é não ter peso.

dança sem negação dos pés. Então, equipara-se completa, de imediato. É mínima quando não expressa o que o autor esquece. Realmente, o destino é terra que dança. A poesia aponta para o concreto: anuncia-se mundo dentro. O homem desaprendeu dançando. A linguagem manifesta o fim da dança própria.

Nietzsche, *A Origem da Tragédia*

Valéry, *Teoría Poética y Estética*

Tavares, *Atlas do Corpo e da Imaginação*

Ferreira, *Invocação ao Meu Corpo*



*

Volto a isto em formato de intermitência... Penso na coreo-datilo-grafia. Têm-se visto por aqui muitos atos. Por vezes os dedos descansam nas teclas à espera de nova instrução. São intérpretes obedientes! Eu nem sempre sei muito bem coreografá-los e depois escrevo mal as palavras. Fiz um teste para saber qual a minha velocidade. O resultado foi 49.84wpm, com 93.91% de precisão, isto é, escrevo quarenta e oito palavras por minuto, sendo que errei 6.09% do que escrevi. Talvez importe mais o que me mandaram escrever no tal teste: “There was time before organisms experienced consciousness, and there will be time after. And if the inevitability of human oblivion worries you, I encourage you to ignore it. God knows that's what everyone else does”. É mais difícil tirar medidas ao pulso...

*

- Ah, já estava tudo feito! É que não me tinhas dito...
- Pois, esqueci-me... Foi sem querer.
- Claro, eu sei. Mas sabes que vim cá de propósito.
- Não tinha noção disso.

- Está bem.
- Acreditas em mim?
- Sim.
- Obrigado.
- Bom, tenho de ir.
- Sim, vai lá. Não te quero estar a prender...
- Por que porta preferes que saia?
- Podes sair pela da frente, a esta hora já não passa muita gente na rua.
- Faz sentido. (*Pausa.*) Não podemos passar tanto tempo sem nos vermos.
- Também não quero que isso aconteça, mas nem sempre está nas nossas mãos.
- Bom, diria que está objetivamente nas tuas mãos.
- Nas minhas? Nas tuas também, não?
- Sim, nas minhas também. (*Pausa.*) Tens razão, nas nossas mãos, nas que temos em comum.
- Às vezes esqueço-me disso, desculpa.
- É normal... Apesar de sabermos que a nossa separação é uma ilusão, a nossa experiência diz-nos o contrário.
- É estranho pensar que na verdade somos apenas matéria energética.
- Os nossos corpos em si não existem. Acho que são só imaginados pelas pessoas.

- A nossa voz também.
- Corremos o risco de que seja a mesma, até...
- (*Pequeno riso.*)
- Depois seria difícil perceber se eu sou eu ou se sou tu.
- Não, a cadência do nosso diálogo faz com que não nos confundamos.
- Mas o nosso discurso é gerado a partir de um mesmo lugar.
- Acho que temos mais poder sobre o nosso discurso do que nos parece.
- Estou a ter dificuldade em concentrar-me.
- Achas que nos estão a perder?
- Outras coisas mais palpáveis podem estar a sobrepor-se a nós.
- Tenho medo. O que nos vai acontecer?
- Não sei, mas não devemos desaparecer.
- É como se ficássemos a dormir?
- Deve ser.
- Então e se fossemos nós a querer ir dormir?
- Podemos experimentar.
- Ficas cá esta noite?
- Fico.
- Quero ir deitar-me já.
- Eu vou contigo.

(Deitam-se.)

— Achas que não foi bem assim que isto tudo aconteceu?

— O que queres dizer com isso?

— Será que nos mudaram as palavras depois de as dizermos?

— Isso é impossível! As palavras que dissemos são as palavras que sempre quisemos dizer. As tuas perguntas são as minhas perguntas e as minhas respostas são as tuas respostas. Construámos isto em conjunto, com as nossas palavras. Tudo o resto, o nosso corpo, este espaço, o tempo, pode não estar a ser bem assim. Mas isso não importa, porque vem tudo das palavras. Agora, quando adormecermos, provavelmente as palavras vão acabar, mas a decisão foi nossa.

— E se nunca mais nos virmos?

— Não te preocupes, vemo-nos quando acordarmos.

— Tens a certeza?

— Sim. Vá, vamos dormir.

(Feçam os olhos e adormecem.)

*

Parapeitos.

Rodapés.



*

Desejo a morte ao artesanato. Encerro-me em Júpiter e tenho fome de regalias. Nunca esquecerei a noite, nem as polpas feitas em pleno mar. Sou de luas. Bichinhos da ceda cobrem-me de amarelo. Se ao menos pudesse tapar-me de vez... Consigo saltar à corda sem me perdoar, mas é vã a eucaristia. Triplico o volume das penas que me revestem. Devolvo-me à encosta de betão. Só sei que me espera o fundo do tacho. Já não me lembro de quantos cabelos entrancei. Quando tudo ficar endividado, só me restará o cordão umbilical. Substitutos para mim não hão de faltar. Provavelmente, as comichões não ficam por aqui. É terrível esta altura do dia... Se me medir, devo chegar mais ou menos ao teu peito: lá dentro as coisas não são claras. Se as galinhas me olharem com os olhos do costume, é desta que me dedico de vez aos cantos das salas.

*

Instruções para falsos fantasmas:

Uma janela é uma abertura na parede. A parede acaba na janela – se tirares a janela, fica um buraco. O buraco também é janela. Se revestires uma parede de infinitas janelas, deixas de ter parede.

Uma porta é uma possibilidade de abertura na parede. A parede por vezes prolonga-se na porta – mas se tirares a porta, fica um buraco. Um buraco não é uma porta, é uma janela. Se revestires uma parede de infinitas portas, podes atravessar qualquer zona da parede.

*

Preocupas-te com as perguntas diferentes?

Para que servem as apropriações defeituosas?

Como encontrar as políticas em segunda mão?

Não posso esquecer as dívidas em segunda mão?

De onde vêm as confusões iguais?

Para que servem as ideias defeituosas?

Onde estão as confusões da dúvida?

Para que servem as cores em segunda mão?

E se eu comer as cores diferentes?

Como encontrar as ideias defeituosas?

Não posso esquecer as máquinas da dúvida?
Como são as perguntas em segunda mão?
De onde vêm as confusões em segunda mão?
Foste tu que inventaste as ideias defeituosas?
E se eu comer as políticas tortas?
Onde estão as apropriações da dúvida?
Foste tu que inventaste as apropriações diferentes?
Para que servem as dívidas iguais?
Para que servem as perguntas tortas?
Foste tu que inventaste as flores da dúvida?
De onde vêm as políticas da dúvida?
Para que servem as perguntas diferentes?

*

Como ir embora? Assim.

Lisboa,
novembro 2022

